

# A FORMAÇÃO DO PESQUISADOR E A CONSTRUÇÃO TEÓRICA DA PESQUISA EM ÁLVARO VIEIRA PINTO: O JOGO DAS CONTRADIÇÕES DIALÉTICAS ENTRE SER E PENSAR

IRENE JEANETE LEMOS GILBERTO\*

\* Doutora em Letras (USP-SP), professora pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Santos.

## RESUMO

O que pesquisar e como pesquisar são questões que permeiam o cotidiano dos pós-graduandos, principalmente quando ingressam no mestrado e vêm de uma formação em que a pesquisa está ausente. Sem ter tido oportunidade de participar de Grupos de Pesquisa ou de projetos de iniciação científica, os estudantes revelam suas dificuldades durante as diferentes etapas do processo de pesquisa ou mesmo na leitura crítica de textos científicos. Neste artigo apresenta-se uma reflexão sobre a construção teórica da pesquisa e a formação crítica do pesquisador. Para tal, o estudo revisita a obra de Vieira Pinto (1969), *Ciência e Existência*, na qual o autor aborda a concepção existencial do trabalho científico que ele define como um trabalho criador e onde trata de questões fundantes sobre a ciência, a pesquisa científica e a formação da consciência do pesquisador. Com base nos fundamentos do referido autor, o artigo enfoca as possibilidades para se pensar os caminhos da pesquisa na produção do conhecimento de pós-graduandos, a partir da reflexão teórica e da experimentação no jogo das contradições dialéticas entre ser e pensar.

## PALAVRAS-CHAVE

Formação do pesquisador. Criação teórica. Construção do conhecimento científico. Álvaro Vieira Pinto.

## INTRODUÇÃO

*A ciência só pode tornar-se um instrumento de libertação do homem e do seu mundo nacional se for compreendida por uma*

*teoria filosófica que a explique como atividade do ser humano pensante e revele o pleno significado da atitude de indagação em face da realidade natural e social.* (VIEIRA PINTO, 1969, p. 4)

Escrita em 1967 durante o período em que o autor esteve exilado no Chile e ministrou cursos no Centro Latino-Americano de Demografia, *Ciência e Existência* veio à público em 1969. Escrita há mais de meio século, traz, nos 22 capítulos em que está organizada, as teses de Álvaro Vieira Pinto sobre a ciência e a formação crítica do pesquisador com base nos fundamentos de sua concepção existencial sobre o significado do conhecimento para o desenvolvimento da sociedade e do ser humano. Trata-se de um denso ensaio no qual o autor discorre sobre a sua experiência na pesquisa científica e a contribuição da filosofia para a produção do conhecimento e o desenvolvimento da ciência.

Ao revisitar neste artigo algumas das questões postas em *Ciência e Existência*, intenciona-se resgatar a atualidade do pensamento de Álvaro Vieira Pinto, destacando, no conjunto das teses apresentadas, aquelas centradas na formação do pesquisador e na construção teórica da pesquisa e seu caráter social, em vista de essas temáticas serem recorrentes no cotidiano dos pesquisadores iniciantes. Estruturado em três seções, nas quais são discutidas as referidas temáticas, o artigo tem como objetivo trazer à cena o pensamento crítico de Vieira Pinto (1969) sobre a ciência na sua relação com a vida e a filosofia, considerando as possibilidades que a referida obra pode oferecer para se pensar os caminhos da pesquisa na produção do conhecimento de pós-graduandos, a partir da reflexão teórica e da experimentação no jogo das contradições dialéticas entre ser e pensar.

## CONCEPÇÃO DE PESQUISA

Na concepção do autor, o ser humano é um criador de cultura e, nesse sentido, o trabalho científico configura-se como possibilidade de humanização da natureza e do próprio ser humano. Ou seja, o trabalho científico é um fator de transformação das condições da existência. É nessa direção que Álvaro Vieira Pinto defende a tese segundo a qual é por meio do meio do trabalho científico que se pode desvendar a complexidade da realidade social e isso significa um permanente processo de construção/reconstrução de intervenção na realidade. A pesquisa é assim definida pelo autor como “um ato de trabalho sobre a realidade objetiva e consiste no conhecimento do mundo no qual o homem atua, inscrevendo-se entre as modalidades de produção social” (VIEIRA PINTO, 1969, p. 456). Na construção da pesquisa está implícita a responsabilidade social do pesquisador, em vista de que, para o autor, “o saber no homem se transmite pela educação e por isso é uma transmissão de caráter social” (VIEIRA PINTO, 1969, p.28). A pesquisa, portanto, deve ser definida “a partir de seus efeitos sociais” (VIEIRA PINTO, 1969, p.352).

Quais as condições necessárias para o desenvolvimento da consciência crítica do pesquisador? Para Vieira Pinto (1969), “mesmo o mais experimentado e melhor dotado dos pesquisadores científicos não deve confiar unicamente na sua exclusiva experiência [...] ignorando ou menosprezando o imenso esforço de esclarecimento racional que a filosofia vem secularmente produzindo” (VIEIRA PINTO, 1969, p. 5). Coloca-se, assim, como ponto primacial a formação teórica do pesquisador que tem início com a indagação sobre o conhecimento científico produzido, como foi produzido e como os resultados obtidos

impactaram a realidade social. Na acepção do autor, quem faz pesquisa não deve permanecer no senso comum ou, ainda, tomar como base da investigação apenas a sua experiência, posto que esta é limitadora. O pesquisador deve estar aberto à experiência acumulada, ou seja, ao estudo profundo da produção científica na área a ser investigada. Assim, propõe, como uma das condições para a formação da consciência crítica do pesquisador, o debruçar-se sobre o conhecimento acumulado na área da investigação, com vistas à reconstituição do campo de estudo, destacando que, por mais experiente que seja o pesquisador, a experiência pessoal pode tornar-se um obstáculo ao processo de construção da consciência crítica, cuja base é o conhecimento filosófico e científico produzido. Por sua vez, a experiência resultante do estudo da produção científica acumulada poderá tornar-se um fator de desenvolvimento do rigor conceitual e do conhecimento teórico. É a partir dessas premissas que se pode compreender o conceito de consciência crítica do pesquisador defendido por Álvaro Vieira Pinto, para quem o conhecimento da base científica oferecido pela filosofia é fundamental para se compreender o significado do método de investigação, “a lógica do raciocínio científico e a sociologia da ciência” (VIEIRA PINTO, 1969, p. 5).

O primeiro passo rumo à objetivação da pesquisa é o abandono dos pré-julgamentos e do senso comum, além do distanciamento em relação a si mesmo, de modo a delimitar o campo da investigação em curso. Neste sentido, ‘saber sair de si’ implica não apenas o movimento de ver-se como pesquisador e analisar seu trabalho como também compreender melhor seu objeto de estudo e refletir sobre a realidade social.

O segundo aspecto que limita a formação da consciência crítica refere-se à escolha do modo de fazer pesquisa. A investigação, no dizer de Vieira Pinto (1969), exige reflexão teórica e conhecimento de princípios lógicos e de base epistemológica. Nessa direção, o filósofo nos mostra que o caminho para a constituição da consciência crítica do pesquisador é distinto daquele indicado pela consciência ingênua que, não possuindo a visão científica da realidade, prima pelo modo formal de pensar a ciência.

É na obra *Consciência Realidade Nacional* (1960, p.83) que Vieira Pinto define o conceito de consciência ingênua e de consciência crítica. Para o autor, trata-se de um ‘gênero de pensar’, cuja diferença está em ter ou não “consciência dos fatores que a determinam”. Essa acepção também está presente em *Ciência e Existência*, quando afirma que “o conhecimento básico que distingue a consciência crítica da ingênua resume-se em que apenas a primeira tem conhecimento de seus determinantes” (VIEIRA PINTO, 1969, p. 367). A consciência ingênua do pesquisador decorre da visão formalista, segundo a qual “as ideias são movidas de fora pelo pensamento que as articula em ‘processos’ de julgamento e de raciocínio” (VIEIRA PINTO, 1969, p.109). No pensamento do autor, essa concepção formalista de pesquisa dificilmente alcançará a correta compreensão da ‘essência do método’, posto que “o que deve investigar é algo mais profundo, é o surgimento da esfera do pensamento em sua totalidade” (VIEIRA PINTO, 1969, p. 109).

Assim, o modo formal de pensar implica a concepção de pesquisa como técnica ou uso de artefatos. Embora não negue a importância dos instrumentos para a investigação científica, Vieira Pinto (1969, p. 463) chama a atenção para o significado de instrumentalidade, considerando que “o conceito de instrumento da pesquisa científica não se limita aos implementos manejáveis de que o cientista dispõe no laboratório”. Para o autor, a instrumentalidade também envolve as ideias geradas que funcionam “como instrumentos de trabalho a título análogo ao das ferramentas e artefatos materiais” (VIEIRA PINTO, 1969, p. 465). Essa concepção decorre da compreensão de que a pesquisa não está isolada das concepções geradas no contexto social e, nesse aspecto, a investigação pressupõe a inserção do pesquisador

no “movimento cultural, incorporando a si o conjunto das ideias que a sociedade do tempo lhe oferece” (VIEIRA PINTO, 1969, p.481). Isto significa que cada geração constrói a cultura de seu tempo, questão que não pode ser deixada de lado pelo pesquisador. Assim, critica o método formal, em face de que a pesquisa pode ser “empobrecida no seu desdobramento” se o especialista apenas “se limita a esse método” (VIEIRA PINTO, 1969, p. 211),

Neste ponto evidencia-se um dos aspectos essenciais do pensamento crítico de Vieira Pinto: a correlação teoria/ prática. Na concepção ingênua de ciência, ocorre a cisão entre teoria e prática, quando se tem “de um lado, a prática sem teoria justa; de outro, a teoria sem a prática indispensável” (VIEIRA PINTO, 1969, p. 7). O resultado dessa cisão é a concepção de pesquisador prático, o que – ao ver do autor - acaba sendo prejudicial ao desenvolvimento da ciência, posto que o resultado está na perda da compreensão totalizante que a ciência exige. Nesse sentido também se perde a dimensão histórica do objeto a ser investigado, quando se toma como sinônimo de formação para a pesquisa apenas a ‘aquisição empírica’ ou a “instrução livresca ou imitativa de técnicas operatórias relativas aos objetos de especialidade” (VIEIRA PINTO, 1969, p. 302). No dizer do autor,

A primeira coisa a fazer será varrer do espírito duas ideias injustificadas: a de que o simples bom senso seja capaz de suprir o conhecimento lógico; a de que a metodologia seja um livro de receitas culinárias, que devem ser aplicadas invariavelmente para se chegar aos bons efeitos desejados. (VIEIRA PINTO, 1969, p. 359)

Fazer pesquisa científica pressupõe a aquisição da consciência crítica do que é o conhecimento científico, o que implica, na concepção de Vieira Pinto (1969, p. 303), “a postura metódica de permanente vigilância dos conceitos gerais de que se serve o pesquisador”. Assim, o autor tece uma crítica contundente à concepção de pesquisa que se limita à dimensão operativa dos dados coletados, observando que a investigação científica “enquanto objeto de discussões metodológicas em nada melhora as possibilidades que venha a ter o cientista de descobrir novos dados da realidade” (VIEIRA PINTO, 1969, p. 7). A pesquisa científica não pode ser reduzida, conforme proposto pela consciência ingênua, à concepção formalista de ciência, posto que, ao distanciar-se da dimensão social do conhecimento científico, acaba por ignorar a complexidade do mundo real.

Na aceção do autor, “O conhecimento resulta sempre da existência do ser vivo no mundo. [...] Se o conhecimento está sempre representado pela capacidade de refletir o mundo, portanto consiste em reflexos, a gama de complexidade destes é incomensurável” (VIEIRA PINTO, 1969, p.21). Em seus argumentos, defende que a lógica formal, por se valer apenas da prática, é insuficiente para captar o complexo e contínuo movimento das mudanças que ocorrem na realidade. Nesse sentido, observa que, “ao excluir as contradições como um equívoco do pensamento, a ser repelido a todo custo, condena-se [a pesquisa] a ser a lógica da superfície da realidade, da imobilidade das coisas, da intemporalidade dos fenômenos” (VIEIRA PINTO, 1969, p.44).

Em contraposição à concepção formalista, o filósofo propõe a lógica dialética como método de pesquisa, tendo em vista que as ideias são instrumentos de ação e que é por meio da ‘armação dialética’ que o pesquisador poderá melhor compreender o papel das ideias na condução da pesquisa científica. Assim, defende que a dialética estimula o pesquisador a exercer o papel criador no campo metodológico, livrando-o da passividade em que geralmente foi educado e, também, dos pré-julgamentos, o que possibilita o desenvolvimento da postura crítico-analítica e maior compreensão sobre o campo pesquisado. A formação da consciência crítica do cientista, portanto, insere-se no contexto da atitude filosófica do

cientista que acolhe a dialética como modo de compreensão da realidade que está sendo pesquisada, considerando-se a complexidade aí existente. Dessa compreensão do real decorre a atitude crítica do pesquisador que, por sua vez, não é externa ao movimento da pesquisa, mas desenvolve-se durante todo o processo de investigação e traduz-se no modo como a realidade em transformação contínua é interpretada e, acima de tudo, como se dá a “transformação da consciência em força descobridora de novos conhecimentos” (VIEIRA PINTO, 1969, p.363). Esse processo implica não apenas a postura metódica de permanente vigilância sobre o que está sendo investigado, mas também a própria pessoa do pesquisador, configurando um processo contínuo de transformação e de descobertas.

A interpretação de dados coletados na investigação, por sua vez, pressupõe uma relação intrínseca entre teoria e prática, posto que a teoria é construída durante o processo da pesquisa e não apenas acrescentada ao resultado final. Nesse movimento contínuo de reflexão sobre o processo de pesquisa, no ir e vir constante do pesquisador no diálogo com os dados da investigação e na compreensão desses dados no contexto de sua produção, a teoria vai sendo construída.

## A CONSTRUÇÃO TEÓRICA DA PESQUISA

Em contraposição à racionalidade da lógica formal, o método dialético abre perspectivas para a compreensão da complexidade do real e de seus múltiplos reflexos, possibilitando ao pesquisador ver-se a si mesmo, transformar-se e exercer o papel de criador. A lógica dialética, para Vieira Pinto (1969, p. 44), “é o sistema de pensamento racional que reflete fidedignamente o movimento real das transformações que se passam no mundo exterior, físico e social”. Destaque-se, porém, que o conceito de dialética não significa, conforme adverte o autor, “uma simples conjugação ou oposição dos contrários; exige-se a compreensão de que um deles não existe sem o outro” (VIEIRA PINTO, 1969, p. 42).

A formação do pesquisador, portanto, insere-se no movimento dialético de compreensão do ‘movimento real das transformações’. Compreender a realidade em contínua transformação pressupõe a existência de uma consciência crítica para quem a reflexão teórica é contínua, o que ocorre em todas as fases da pesquisa, desde a experimentação à elaboração das sínteses teóricas que traduzem, no dizer do autor, o “jogo das contradições dialéticas entre ser e pensar” (VIEIRA PINTO, 1969, p. 304) e que representam o momento de confronto contínuo entre os dados obtidos na pesquisa, as concepções existentes, as teorias e o conhecimento científico acumulado. A lógica dialética explicita esta contradição: de um lado, não há possibilidade de o cientista avançar no estudo da realidade sem um arsenal de conceitos e teorias que não pode inventar nem refazer de todo antecipadamente; mas de outro lado, sabe que tais premissas “não são imutáveis nem exprimem verdades eternas”. (VIEIRA PINTO, 1969, p.303).

Este ponto diz respeito à dimensão da universalidade do conhecimento. Trata-se de compreender os significados implícitos nos conceitos de totalidade e de dimensão social da pesquisa, cujo processo envolve a reflexão teórica presente não apenas no momento da coleta descritiva de dados da realidade, mas, principalmente, na correlação que o pesquisador estabelece entre conceitos, categorias, dados coletados e a teoria. No dizer do autor:

Todos os instrumentos da pesquisa científica, os aparelhos de laboratório, os auxiliares humanos, os métodos lógicos, passam a ser meios de que se vale a consciência indagadora para cumprir a finalidade que se impôs. (VIEIRA PINTO, 1969, p. 365)

No que se refere ao conceito de totalidade, o estudo de Kosik (2002) nos esclarece sobre o sentido das mudanças ocorridas nos últimos decênios do século XX que reduziram o conceito de totalidade “a uma única dimensão, à relação da parte com o todo; e sobretudo desligaram radicalmente a totalidade (como exigência epistemológica e princípio epistemológico do conhecimento da realidade) da concepção materialista da realidade como totalidade concreta” (KOSIK, 2002, p. 42). Na mesma direção, Vieira Pinto (1969, p. 306) defende que a totalidade é “o contexto e a realidade presente com toda sua complexidade com que os processos sociais se apresentam ao pesquisador nas relações dos seres humanos com a natureza e destes com outros seres humanos”. Nesse aspecto, o conceito de totalidade não pode ser reduzido à somatória das partes do todo, posto que, ao apreender um dado singular, o pesquisador poderá apreender a totalidade. Assim, a formação da consciência crítica pressupõe que “o pesquisador deve ter a noção de estar permanentemente em contato com o particular e com o universal” (VIEIRA PINTO, 1969, p. 395).

Na tese em que trata das relações entre o campo da pesquisa e a totalidade do real, afirma Vieira Pinto (1969, p. 306): “Nenhuma concepção científica deixa de estar ligada a uma compreensão do real [...] Quando apreendemos um dado singular estamos na verdade apreendendo a totalidade do mundo que, por força de uma lei interna, gera tal dado”. No entanto, sintonizar-se com o movimento contínuo que envolve a totalidade e o particular, o concreto e o abstrato exige maturidade do pesquisador. Não é tarefa simples compreender como ocorre a interrelação entre as partes e o todo, que corresponde à estreita relação entre o que compreende, o que é compreendido e as condições de compreensibilidade, ou seja, o princípio da totalidade. Kosik (2002) adverte que o conceito de totalidade não implica “conhecer todos os aspectos da realidade, sem exceções, e oferecer um quadro ‘total’ da realidade, na infinidade de seus aspectos e propriedades; é uma teoria da realidade e do conhecimento que dela se tem como realidade” (KOSIK, 2002, p. 44). Na aceção deste autor, trata-se da ‘teoria da totalidade como totalidade concreta’, ou seja, um movimento contínuo que envolve novas totalidades e novas transformações (KOSIK, 2002, p. 44). Dessas considerações infere-se a necessária compreensão da realidade em sua dimensão social e a concreticidade do que se deseja conhecer. No movimento contínuo para a compreensão da realidade, faz-se necessário o distanciamento crítico do pesquisador em relação ao processo de pesquisa, sendo determinante a reflexão sobre a articulação entre teoria, método e contextos sociais. Nessa direção, Vieira Pinto (1969, p. 14) explica:

[...] a pesquisa científica tem que ser interpretada desde o primeiro momento com o emprego do conceito de totalidade, pois somente a partir da compreensão lógica oferecida por esta categoria se chegará a criar a teoria que explica em todos os aspectos a atividade investigadora do mundo.

Assim, propõe a totalidade como a primeira dimensão da pesquisa, como categoria que possibilita a compreensão do processo de investigação e a criação da teoria. Sobre essa questão, Kosik (2002, p. 49) afirma que o “princípio metodológico da investigação dialética da realidade social é o ponto de vista da totalidade concreta, que antes de tudo significa que cada fenômeno pode ser compreendido como momento do todo”. Contextualizando o conceito de totalidade na história do pensamento filosófico, Kosik (2002) esclarece que, no século XX, esse conceito adquiriu uma dimensão subjetiva, cabendo ao sujeito a reordenação caótica do mundo. Assim, de acordo com este autor, “a realidade, em certo sentido, não existe, a não ser como um conjunto de fatos, como totalidade hierarquizada e articulada de fatos”, sendo o método científico “o meio pelo qual se pode decifrar a realidade” (KOSIK, 2002, p. 54).

Para Vieira Pinto (1969, p. 469), a constituição do método de pesquisa tem estreita relação com o duplo papel que as ideias desempenham no processo de investigação, em vista de que são consideradas ‘na concepção geral do procedimento operatório’ e, também, como ‘instrumentos para a concepção do método’. A teoria, por sua vez, é um processo de reconstrução que “surge de uma ‘mutação’ do processo lógico de interpretação da realidade. Não é intencionalmente buscada” (VIEIRA PINTO, 1969, p. 471).

## O CONHECIMENTO CIENTÍFICO E O CARÁTER SOCIAL DA PESQUISA CIENTÍFICA

Vieira Pinto (1969, p. 20) considera que o conhecimento pode ser compreendido a partir de três grandes etapas, por ele assim denominadas: (i) a fase dos reflexos primordiais - que corresponde ao movimento de percepção, pelo sujeito, da situação objetiva e da reação que essa situação provoca; (ii) a fase do saber - que é transmitida pela educação e que se caracteriza por ser uma transmissão de caráter social; (iii) a fase da ciência - que corresponde ao momento em que o conhecimento “atinge a forma máxima de perfeição que, no homem, se eleva ao plano da ciência” (VIEIRA PINTO, 1969, p. 30).

A pesquisa científica, de acordo com o filósofo, implica a criação de novos conhecimentos e de novos métodos de pesquisa que passam a configurar um movimento de expansão da ciência que não se limita ao aqui e agora, mas transcende as fronteiras de tempo e de espaço e se projeta na totalidade do espaço e do tempo, ampliando os horizontes do conhecimento humano. Nesse sentido, destaca a importância de se compreender o caráter irregular e imprevisível da pesquisa, considerando que “cada momento do processo condiciona o todo, que não existiria sem ele, mas inversamente é condicionado pela totalidade, que o determina a existir e lhe dá o conteúdo racional que manifesta” (VIEIRA PINTO, 1969, p. 475). Desta afirmação infere-se que, na base da criação da nova teoria, estão presentes conceitos anteriores, o que propicia a ampliação da compreensão da realidade e do desenvolvimento da ciência, conforme esclarece:

Qualquer ato definido de pesquisa de algum dado da realidade só pode ser entendido como determinado pela totalidade do conhecimento existente no momento; mas, por outro lado, precisamos igualmente compreender que o todo do conhecimento presente em cada época se constitui pela acumulação destes atos singulares, que são as distintas pesquisas da realidade empreendidas cada qual num determinado instante, num determinado lugar, por um investigador individual. (VIEIRA PINTO, 1969, p. 14).

O movimento circular da ciência decorre, portanto, do processo contínuo de acumulação histórica do conhecimento, herança cultural que precisa ser revisitada pelo pesquisador, em vista de que “o conhecimento científico de cada momento constitui a premissa do conhecimento científico do momento seguinte” (VIEIRA PINTO, 1969, p. 31). Nesse sentido, faz parte da consciência crítica a aquisição do saber científico produzido, considerando que “todo dado adquirido pela pesquisa científica em princípio torna-se fonte ou origem de novos conhecimentos” (VIEIRA PINTO, 1969, p.487). Isso não significa, conforme adverte em seu ensaio, que o pesquisador tenha que aceitar as concepções existentes, mas é fundamental que as conheça e adote “uma postura metódica de permanente vigilância dos conceitos gerais de que se serve para apreciar criteriosamente até que ponto são válidos para os fatos que vai extraindo da realidade” (VIEIRA PINTO, 1969, p.303). Observa-se, aqui, que o fundamento

da consciência crítica do pesquisador tem por base a consciência de si, ou seja, do seu papel de sujeito do conhecimento, questão que, conforme afirma Vieira Pinto (1969, p.367), “não costuma ser evocada na metodologia”.

Em suas considerações sobre a ciência, deixa claro que o fundamento da pesquisa é social e o papel da ciência está na sua contribuição para o desenvolvimento do processo econômico e cultural da humanidade. Nesse sentido, cabe ao pesquisador apreender o conjunto das conexões que ligam sua investigação ao movimento circular da produção científica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em tempos em que se presencia o desmonte da formação humanística dos profissionais e em que se observa a prevalência da instrumentação técnica na pesquisa acadêmica e no ensino sobre pesquisa, parece utópico pensar na importância da filosofia para a construção da consciência crítica do pesquisador. No entanto, a questão foi levantada há poucos anos, em um artigo publicado na Folha de São Paulo. A autora, Subrena E. Smith, Professora Assistente de Filosofia na Universidade de New Hampshire (EUA), onde ministra o curso de Filosofia da Ciência para alunos de Graduação questiona no seu artigo: como formar futuros cientistas?, buscando compreender a resistência de seus estudantes em relação à disciplina que ministra na universidade. Ao trazer a público um debate sobre o papel da Filosofia da Ciência na formação dos jovens cientistas no mundo atual para que tenham a compreensão do que é a ciência e do que significa a construção do método científico, a autora destaca a falta de consciência histórica no que tange à dimensão e à importância da filosofia no desenvolvimento da ciência. Na sua análise, sinaliza a forte presença de preconceitos arraigados na cultura estudantil universitária, para quem a educação para a ciência significa a coleta de dados apenas, sem a necessária reflexão, o que leva à diluição do sentido da interpretação dos referidos dados, evidenciando-se o estatuto da objetividade e da verdade.

No artigo da professora, há evidências do desconforto dos alunos em relação à disciplina Filosofia da Ciência, o que na sua análise é visto como a prevalência da consciência ingênua da objetividade que, conforme expressa no artigo, também está “profundamente enraizada na imagem popular de ciência” (SMITH, 2018, p. 3). Em suas conclusões, argumenta que atribuir à ciência valor positivo de reveladora dos fatos tem, como consequência o esvaziamento dos questionamentos e das interpretações, o que é inerente à filosofia. Trata-se, na percepção da autora, de um comportamento muito comum no cenário universitário em que atua e no qual percebe certo desprezo pela disciplina Filosofia da Ciência, considerada “uma disciplina desordenada e referente apenas a questões de opinião, enquanto a ciência descobre fatos, produz provas e dissemina verdades objetivas” (SMITH, 2018, p.3). Em busca de uma possível resposta para o ceticismo e resistência dos estudantes, a autora conclui que uma das razões para tal desinteresse encontra-se no modo como a ciência é ensinada nas universidades, quando o ensino é reduzido a práticas que valorizam o “número de fatos e de procedimentos que os alunos precisam absorver para se alfabetizar cientificamente” (SMITH, 2018, p. 3). Na perspectiva da professora, essa forma de ensino decorre de uma visão dicotômica e fragmentada da formação do pesquisador, reiterada, na maioria das vezes, por “cientistas proeminentes [que] declararam em público que a filosofia é irrelevante para a ciência, se não completamente inútil e anacrônica” (SMITH, 2018, p. 3).

Trazer para esse debate as questões postas neste artigo implica confirmar as teses de Álvaro Vieira Pinto, escritas na década de 1960 sobre questões fundantes que envolvem o significado da educação científica, não apenas para os estudantes dos cursos de Graduação, cuja

formação ainda é predominantemente fragmentada e disciplinar - quando não inexistente -, mas também para os estudantes da Pós-graduação.

A tese central de Vieira Pinto (1969) é a importância da filosofia na ciência na formação para pesquisa para que a investigação não se limite à mera instrumentalização técnica ou à prescrição de procedimentos ou aplicação de dados. Trata-se, assim, de navegar em sentido contrário ao senso comum e ao pensamento recorrente nos dias atuais que defende que apenas os cientistas podem ser considerados “os únicos difusores do conhecimento científico”, conforme alerta Smith (2018, p. 3) no seu artigo, ao questionar a posição de cientistas que entendem o papel da filosofia como um pretexto para filosofar sobre a ciência.

Na contramão de um ensino que prioriza a prática de pesquisa centrada em técnicas como método de ensino da ciência, a autora propõe a criação, nas instituições, de espaços para reflexão sobre o fazer ciência, nos quais possam ser discutidas “questões conceituais, interpretativas, metodológicas e éticas que os filósofos estão perfeitamente capacitados a tratar”, considerando que, “longe de serem irrelevantes, as questões filosóficas são cruciais na ciência” (SMITH, 2018, p. 3). Na sua proposta, reitera a importância de um trabalho integrado entre professores que ensinam práticas de pesquisa e aqueles que ministram a disciplina Filosofia da Ciência, com vistas a uma formação que desvele aos estudantes o verdadeiro significado da ciência e da produção do conhecimento.

Às indagações da referida autora, poderíamos incluir a posição de Fourez (1995), para quem o lugar da filosofia na formação dos cientistas é uma questão que se insere no âmbito das políticas universitárias. Trata-se, portanto, de uma escolha política e ética, conforme assevera o autor, ao referir-se à pesquisa filosófica que tem significado “apenas para aqueles a quem a história e as decisões humanas colocam uma questão” (FOUREZ, 1995, P. 29).

Em tempos em que se incentiva a formação centrada em projetos integrados e a criação de propostas pedagógicas colaborativas e interdisciplinares para a formação dos sujeitos, as questões suscitadas pela leitura do artigo “Por que filosofia da ciência importa”, de Subrena E. Smith (2018), evidenciam a prevalência de uma formação fragmentada, disciplinar, nos nossos cursos de Graduação e de Pós-Graduação. Além disso, suscitam reflexões sobre como formar para a pesquisa científica - incluindo aí a responsabilidade das instituições formadoras e, também, dos formadores -, ao propor uma formação com significado e que tenha por meta o desenvolvimento da ciência e a transformação do próprio pesquisador.

Observa-se, assim, que o enfoque dado à formação do pesquisador que tem como base a filosofia para a compreensão de como fazer ciência insere-se no conjunto de questões postas por Álvaro Vieira Pinto em sua obra, na qual apresenta argumentos profundos sobre a importância dos conceitos na pesquisa, da interpretação e dos procedimentos éticos na formação do pesquisador, questões essas que, muitas vezes, não são prioritárias para quem atua nessa área, em decorrência de um modo ‘prático’ de fazer pesquisa, mais afeito à coleta e à sistematização dos dados, sem preocupações com análises e interpretação dos dados.

Neste artigo, com o intuito de trazer para o debate a contribuição de Álvaro Vieira Pinto sobre a formação do sujeito pesquisador como crítico de si mesmo e do processo de investigação na construção de novos conceitos, com vistas a superar os limites da racionalidade técnica na produção científica, procuramos resgatar o pensamento desse autor, cuja obra foi referência nas pesquisas em Educação a partir da segunda metade do século XX.

Embora este ensaio de 536 páginas não seja uma referência recorrente nas pesquisas dos investigadores iniciantes na atualidade, as teses discutidas por Álvaro Vieira Pinto nessa obra são relevantes e ainda estão muito presentes no cotidiano de orientadores e de pesquisadores

iniciantes, os quais muitas vezes desconhecem as concepções filosóficas da pesquisa científica e do significado da ciência para o desenvolvimento social e humano.

Ao priorizar as teses sobre a formação da consciência crítica do pesquisador, a construção teórica da pesquisa e a produção do conhecimento científico, o artigo teve como objetivo destacar, na densa trama do ensaio de Álvaro Vieira Pinto, conceitos que delineiam alguns caminhos para a compreensão da formação do pesquisador crítico. Nesse sentido, na definição de ciência proposta por Vieira Pinto (1969), elaborada com base nos estudos de Marx, resgata o processo histórico de fazer ciência, considerando que se trata de um produto existencial que engloba relações entre o homem e o meio, e cuja meta é a formação da consciência crítica do pesquisador como pressuposto indispensável ao desenvolvimento da ciência. Retomando o pensamento de Marx quanto à definição da linguagem e da consciência como expressões da relação do homem com o mundo com objetivo de definir a dimensão social como o processo constitutivo da consciência, Vieira Pinto (1969) busca demonstrar que a consciência, ainda que em diferentes estágios, está presente em todas as etapas do conhecimento.

No resgate do pensamento crítico de Álvaro Vieira Pinto, um dos pontos abordados neste artigo diz respeito às teses do autor quanto aos caminhos da ciência e dos modos de produção científica. O estudo mostrou que esses caminhos perfazem um contraponto entre a lógica formal e a dialética, e definem os rumos da produção científica e a dimensão social do conhecimento científico. Ou seja, a opção pelo método formal de fazer pesquisa, no qual se prioriza a técnica, limita a compreensão da complexidade que caracteriza a realidade, além de representar um prejuízo para o desenvolvimento da ciência, em vista de que não se configura como um processo social do conhecimento. Um breve contraponto com as ideias de Bachelard (1996) sobre a formação do espírito científico mostra a concepção de pesquisa como construção das realidades sociais, cabendo ao pesquisador manter a consciência crítica e vigilante do fenômeno, para além da ‘observação encantada’ e ‘corriqueira’ da realidade.

Em contraposição ao modo ingênuo de fazer pesquisa, Vieira Pinto (1969) propõe o contínuo questionamento da realidade, a revisão do método e da própria prática da teoria em cada uma das fases da pesquisa, considerando que, por meio do método dialético e crítico de interpretar a totalidade do real em curso, o pesquisador poderá compreender a complexidade do real. Na concepção do filósofo, a dialética deve ser entendida como a “filosofia da realidade” e representa “o grau máximo da autoconsciência do processo do pensamento” (VIEIRA PINTO, 1969, p.68). Isso significa que a capacitação metodológica do pesquisador ocorre no âmbito da consciência de si e da realidade das coisas existentes. Nesse sentido, a consciência do real somente pode ser compreendida “por uma teoria filosófica que a explique como atividade do ser humano pensante e revele o pleno significado da atitude de indagação em face da realidade natural e social” (VIEIRA PINTO, 1969, p.4).

Em suas teses, o filósofo não apenas demonstra a importância do método dialético para a formação crítica do pesquisador e para a construção teórica da pesquisa como também descreve dialeticamente o processo. Nesse aspecto, em cada uma das teses vai entrelaçando as ideias e desafiando novos sentidos, de modo a envolver o leitor no denso tecido de seu denso ensaio. Assim, na correlação entre as partes e o todo da obra, desenha dialeticamente suas reflexões em movimentos circulares que envolvem a dimensão histórica, social e política das teses que defende. O pensamento, segundo o qual a dialética não pode ser entendida unicamente como o jogo das contradições, mas abrange todas as partes do todo, no fundo, traduz-se na imagem de construção do próprio livro que, conforme afirma no início da obra, é resultado do curso que ministrou no Centro Latino-Americano de Demografia (Chile).

Isso pode explicar certo caráter didático da obra e as recorrências temáticas às quais o autor sempre acrescenta um novo enfoque.

Com seu olhar ‘dialético’ fixa o presente, o passado e o futuro, entrelaçando os tempos durante o desenvolvimento das teses. No presente da escrita, apresenta os objetivos da obra, tecendo considerações sobre posições ingênuas de cientistas que consideram “dispensável todo o esforço para constituir uma teoria da pesquisa científica, julgando-a *coisa de filósofos*” (VIEIRA PINTO, 1969, p. 7, grifos do autor). Assim, fundamenta sua posição na construção da ciência a partir das bases filosóficas que, embora não sejam explícitas como referências no texto, norteiam as suas argumentações sobre a formação para a pesquisa e o pensamento científico. Nessa direção defende que, para a ciência tornar-se um instrumento de libertação do homem, é necessário que seja “compreendida por uma teoria filosófica que a explique como atividade do ser humano pensante e revele o pleno significado da atitude de indagação em face da realidade material e social” (VIEIRA PINTO, 1969, p. 4).

O ensaio de Álvaro Vieira Pinto, possivelmente, seja uma árdua leitura para os jovens pesquisadores. Mas não se pode negar que é um clássico. E, no resgate das ideias de Álvaro Vieira Pinto e de suas teses que enfocam a intrínseca relação entre ciência e existência, ecoa na memória circular das leituras desta pesquisadora o significado do que é um clássico na acepção de Ítalo Calvino (1995, p. 14): “um clássico é um livro que vem antes de outros clássicos, mas quem leu antes os outros e depois lê aquele, reconhece logo seu lugar na genealogia”.

## REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. *A formação do espírito científico* – contribuição para uma psicanálise do conhecimento. 7.reimpr. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- FOUREZ, G. *A construção das ciências: introdução à Filosofia e à Ética das Ciências*. São Paulo: editora UNESP, 1995.
- KOSIK, K. *Dialética do concreto*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- RODRIGUEZ, M. V. Contribuições do método materialista histórico-dialético. In CUNHA, C. da; SOUSA, J. V. de; SILVA, M. A. da. *O método dialético na pesquisa em Educação*. Campinas: Autores Associados, 2014, p. 131-152.
- SMITH, S. E. Por que Filosofia da Ciência Importa. *Folha de São Paulo*, Ilustríssima. São Paulo, 1º. de julho de 2018, p.3.
- VIEIRA PINTO, A. *Ciência e Existência: problemas filosóficos da pesquisa científica*. Rio de Janeiro, 1969.
- VIEIRA PINTO, A. *Consciência e Realidade Nacional*. Rio de Janeiro, MEC/ISEB, 1960.

### ABSTRACT

What to research and how to research are frequent issues in graduate students’ routine, especially when they are admitted in master’s degree programs after an educational experience that did not include research. Having not been able to participate in Research Groups and undergraduate scientific research projects, students reveal their difficulties on the different stages of a research process or even in their critical reading of scientific texts. This article aims to reflect on the theoretical construction of research and the critical education of researchers. To do so, this study revisits the book *Ciência e Existência* (Science and Existence) (1969), in which author Vieira Pinto addresses the existential conception of scientific work as a creating product and tackles issues essential to understanding science, scientific research

ch, and the development of a researcher's conscience. Based on this author's grounds, this article focuses on the possibilities of thinking about the ways of research in the production of graduate students' knowledge, with theoretical reflection and experimentation in the play of dialectical contradictions between being and thinking as a starting point.

### **KEYWORDS**

Researcher Education. Theoretical Creation. Scientific construction of knowledge. Álvaro Vieira Pinto.

### **NOTAS**

- <sup>1</sup> VIEIRA PINTO, Álvaro. *Ciência e Existência: problemas filosóficos da pesquisa científica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- <sup>2</sup> Para Rodriguez (2014, p. 146): “O método materialista histórico para a análise do real parte dos dados empíricos que se apresentam de forma global e difusa, para logo realizar uma desagregação dos dados e estabelecer diferentes relações, que permitem fazer uma interconexão que possibilita verificar as múltiplas determinações que se estabelecem entre os dados singulares com o universal”.
- <sup>3</sup> SMITH, Subrena E. “Por que filosofia da ciência importa”. *Folha de São Paulo - Ilustríssima*, 1º. de julho de 2018.